

A capoeira nos estados brasileiros, de 1950 até o presente

Matthias Röhrig Assunção

Doutor em História – Universidade de Essex

Celso de Brito

Doutor em Antropologia Social – Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Introdução

A capoeira é baiana. Pelo menos é o que muita gente acredita. E, sem dúvida, os estilos que existem na atualidade (e que integram o que seria a “capoeira contemporânea” no sentido amplo da palavra) surgiram a partir de estilos baianos modernos. Bimba e Pastinha são os maiores mestres de todos os tempos, ninguém duvida. Salvador é a Meca da capoeira, como é diligentemente divulgado pela Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia (Bahiatursa).

Há, no entanto, outras narrativas. A capoeira não é africana, ou mesmo angolana? Além do mais, a capoeira é documentada no Rio de Janeiro muito antes do que na Bahia. Existiu em muitas cidades brasileiras durante o século XIX, de Belém do Pará e São Luís do Maranhão até São Paulo. E mesmo no século XX, quando os estilos baianos começam a ser disseminados pelo Brasil afora, encontram-se e interagem com capoeiras e tradições de luta existentes em outros estados. Na verdade, os próprios estilos baianos – Regional e Angola – nascem num contexto de interações nacionais e globais. Por um lado, existem indícios de que a relação entre a capoeira de Salvador e a do Rio de Janeiro influenciou Mestre Bimba na criação de seu estilo, além do fato de que ele nunca teria desenvolvido a capoeira Regional se outras lutas não tivessem tido um impacto considerável em Salvador.¹ Por outro lado, Pastinha e outros

¹ Isso tem sido advogado faz muito tempo por André Lacé Lopes (1999). Ver também o trabalho recente de Silva e Corrêa (2020), em particular o v. II, parte V.

mestres responsáveis pela codificação do estilo Angola o fizeram num contexto de afirmação étnica na Bahia que fez parte de um movimento modernista transatlântico mais amplo.² E hoje a capoeira é transnacional, globalizada.

A historiografia da capoeira tem dado muita atenção ao período “clássico” da capoeira baiana, nas primeiras décadas do século XX, assim como ao subsequente surgimento da Regional e à reafirmação do estilo Angola. Existem também muitos estudos sobre a transnacionalização da capoeira, feitos sobretudo nas áreas de antropologia e educação.³ No entanto, há um vazio historiográfico bastante grande sobre essa fase intermediária, entre o surgimento dos estilos modernos e a globalização. Em outras palavras, assume-se que os estilos Regional e Angola surgiram na Bahia e depois conquistaram o mundo. Na verdade, a disseminação da capoeira pelo mundo não aconteceu a partir de Salvador. O principal vetor dessa transnacionalização foram os grandes grupos do Sudeste, em combinação com um movimento migratório de capoeiristas, também oriundos, em grande parte, do Sudeste. Seguimos aqui Stefania Capone (2010) e Daniel Granada (2015) na distinção entre globalização e transnacionalização, a última denominando atividades e iniciativas de atores não institucionais.

Assim, para entender a capoeira na atualidade, torna-se necessário tanto se debruçar sobre o processo histórico do desenvolvimento da arte nos diferentes estados brasileiros a partir de 1950 quanto descrever e analisar etnograficamente as suas múltiplas facetas nos locais de maior importância para esse processo.

Um passo inicial nessa direção já foi dado nas quatro mesas dedicadas à reflexão sobre as “Histórias da capoeira nos diferentes estados brasileiros”, ocorridas no evento “I Roda de Debates: pensando a sociedade através da capoeira”, realizado em 2021 pela parceria da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O presente dossiê é um aprofundamento e um refinamento dos temas e das reflexões discutidos naquela ocasião. Reunimos nove trabalhos sobre oito estados de quatro das cinco macrorregiões do Brasil: o Norte, com Amazonas e Pará; o Nordeste, com Bahia, Ceará e Piauí; o Sudeste, com São Paulo e Rio de Janeiro; e o Sul, com o Rio Grande do Sul.

² Ver Assunção (2005), Acuna (2017).

³ Ver, entre outros, Capoeira (2002), Assunção (2005), Falcão (2008), Aceti (2010), Joseph (2012), Robitaille (2013), Granada (2015), Nascimento (2015), Brito (2017), Guizardi (2017), Delamont, Stephens e Campos (2017).

Cientes das lacunas desse projeto, pois faltam estados com tradições importantes de capoeira – como Pernambuco, Maranhão, Goiás, Minas Gerais, Brasília e Paraná –, esperamos que o dossiê “A capoeira nos estados, de 1950 até o presente” sirva de inspiração para outras iniciativas, semelhantes ou complementares.

Os artigos do dossiê deixam claro que a propagação da capoeira pelos estados não foi um processo simples de disseminação a partir de um único centro irradiador, Salvador. Em geral, os grandes centros urbanos – como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Fortaleza – desempenharam também esse papel. Mas não somente as capitais de estados tiveram essa função, como demonstra o caso de Feira de Santana, cujos mestres hoje têm grupos afiliados pelo mundo afora.

Em muitos casos, foram mestres ou alunos originários do Sudeste, ou outros influenciados diretamente por eles, que implantaram a capoeira nas capitais estaduais no Norte, no Nordeste e no Sul do Brasil, como no caso de Manaus, Belém, Teresina, Fortaleza, Curitiba e Porto Alegre. Isso significa que o contexto social e cultural específico, no qual esses divulgadores do Sudeste estavam inseridos, teve relevância também. A capoeira estabeleceu-se no Sudeste entre uma geração de jovens que também aderiram a movimentos culturais, como os *hippies*, ou entre modas desportivas, como o surfe. Assim, essa associação acabou prevalecendo em várias cidades do Norte e Nordeste, onde capoeiristas foram então identificados como cabeludos, surfistas e artesãos de feiras *hippies*.

Geralmente, vários capoeiristas (mestres ou alunos) são protagonistas no estabelecimento das primeiras escolas de capoeira numa cidade. A relação entre eles cobre um leque amplo, que vai da cooperação à concorrência, do intercâmbio à segregação. A história de tais colaborações e conflitos marcou profundamente os modos de tocar, jogar e treinar nos estados, muito mais que a oposição binária entre os estilos baianos Regional e Angola. O processo de disseminação da capoeira pelos estados, seu encontro tanto com tradições locais quanto com artes marciais orientais, resultou assim na emergência da capoeira chamada “contemporânea”. Trata-se de um conceito amplo e por isso também bastante vago, que abrange uma série de estilos, cujas denominações e características, por sua vez, são objeto de acirrados debates no universo da capoeira até hoje.

Outro vetor importante na emergência e na consolidação da capoeira nos estados foram as “rodas abertas” – abertas a todos os capoeiristas, sem distinção por

grupo ou escola – que aconteciam geralmente na rua e, em alguns casos, em academia. As rodas de rua na Central (no Rio de Janeiro), na Praça da República (em São Paulo), no Mercado (em Feira de Santana), assim como rodas em Porto Alegre, Manaus, Belém e Teresina, permitiram uma interação e um diálogo entre os vários grupos presentes numa cidade. Mais do que isso, contribuíram de maneira decisiva para a consolidação de novos estilos e para a emergência de novas identidades nas últimas décadas do século XX. Essa interação continua até o presente, como mostra o caso mais recente, das rodas na Praça da Gentilândia e na “alça do viaduto”, no bairro da Serrinha, em Fortaleza.

O dossiê não somente apresenta um primeiro panorama sobre as diferenças regionais no seio da capoeira brasileira, mas também traz à tona as relações em torno das quais o conhecimento sobre a capoeira tem sido produzido nas últimas décadas. O campo foi marcado, sobretudo na antropologia, na educação e na “história imediata”, pela superação de fronteiras antes tomadas como absolutamente necessárias à manutenção de critérios científicos que atestavam rigor epistemológico: entre os capoeiristas como “objeto” de reflexão e os pesquisadores enquanto “sujeitos” da pesquisa.

Após mais de 50 anos de estudos acadêmicos sobre o tema [importante dizer que esse campo acadêmico e a produção regular de estudos da capoeira foram inaugurados nos anos 1980 por “estudiosos-jogadores”, entre eles Julio Tavares (1984) e um dos autores presentes aqui no dossiê, Luiz Renato Vieira (1989)], essa sobreposição ou embaralhamento entre “sujeito pesquisador” e “sujeito pesquisado” não deve surpreender mais. A tese de Greg Downey (1998) já examinava como o pesquisador incorporava o *habitus* do capoeirista ao mesmo tempo que desenvolvia sua pesquisa. Esse “cruzamento entre performance e pensamento” ou o “entendimento da performance como pensamento” continua sendo também a preocupação de Tavares (2020, p. 34), em contribuição mais recente sobre ginga, categoria êmica da capoeira.

É um desenvolvimento que vem acontecendo também no campo mais abrangente dos estudos das artes marciais. O caso mais conhecido é a etnografia do aprendiz boxeador Loïc Wacquant (2004) no gueto negro de Chicago. O conceito de *habitus*, de Bourdieu, providencia ao mesmo tempo o tema e o instrumento de sua pesquisa. Como Wacquant salienta, a experiência dos “acadêmicos lutadores” (*fighting scholars*) torna necessário um retorno à distinção entre *habitus* primário e secundário, e mesmo terciário (WACQUANT in SÁNCHEZ GARCIA; SPENCER, 2013, p. 195). Wacquant

parte do pressuposto de que o aprendizado de uma arte marcial é uma formação terciária mediatizada pelo *habitus* secundário do acadêmico pesquisador. No caso dos autores da presente coletânea, no entanto, essa relação apresenta-se de maneira ainda mais complexa, já que alguns inverteram essas etapas, tornando-se mestres de capoeira antes de acadêmicos. E, para a maioria dos demais, o aprendizado marcial aconteceu ao mesmo tempo que o aprendizado acadêmico, o que significa uma interação constante entre os dois.

É sabido que os “batizados” na capoeira foram inspirados desde os tempos de Bimba em rituais acadêmicos, mas há algum tempo temos visto também o uso de linguagem e de metáforas de capoeira em defesas de dissertações e teses universitárias. Essa relação entre universitários e capoeira se revela fértil porque ajuda a manter a relevância do trabalho de pesquisa acadêmica na sociedade, dada a convergência do empreendimento científico e dos múltiplos pertencimentos e engajamentos socioculturais e políticos. Esses envolvimento forneceram o contexto e as condições históricas de elaboração dos artigos aqui reunidos.

O primeiro artigo, “A capoeira em Manaus – Amazonas (1969-2021)”, de Luiz Carlos de Matos Bonates e Tharcísio Santiago Cruz, foca a “capoeira com berimbau” (em contraste com a capoeira anterior, “sem berimbau”). Retrata o desenvolvimento de inúmeros grupos desde a fundação da primeira academia, em 1972, em Manaus, pelo mestre goiano Gato de Silvestre, mostrando que a dicotomia Angola/Regional não é operacional para entender as diferenças estilísticas da capoeira nesse estado.

Ainda no Norte do Brasil, Augusto Pinheiro Leal e Fabio Araújo Fernandes mostram como a capoeira contemporânea foi reconstruída na cidade de Belém do Pará a partir de vários aportes vindos sobretudo do Sudeste do país, enfatizando, contudo, uma forte presença de capoeiristas no estado desde pelo menos o final do século XIX. Os autores chamam a atenção para o momento de ebulição desse processo de reconstrução que ficou conhecido na cidade como “a época dos *hippies*”, possibilitando entendermos a relação entre a capoeira e o seu histórico de fluxos da contracultura.

Já na região Nordeste, Celso de Brito e Robson Carlos da Silva mostram a lógica das tensões e a dinâmica dos conflitos no universo da capoeira no estado do Piauí, em grande parte resultado da separação entre uma lógica associada ao saber tradicional (hierarquia/gerontocracia) das linhagens e dos grupos e outra lógica associada a saberes tecnoburocráticos (igualitarismo). Assim, os autores trazem à baila a

possibilidade de pensar categorias importantes e contraditórias do campo político da capoeira contemporânea sob o pano de fundo da polarização político-partidária do país.

Igor Monteiro e Ricardo Nascimento, em “Por uma política da vadiação: a capoeira ‘fazendo’ cidades em Fortaleza”, nos brindam com reflexões etnográficas sobre duas rodas de rua que se estabeleceram na última década na cidade cearense. Os autores enfatizam a importância de capoeiristas ocuparem espaços públicos para cumprirem o papel de agentes de resistência cultural, reinventando espaços de lazer urbanos desprezados pelo poder público.

Em “Capoeira em Feira de Santana (1970-2010)”, Natália Rizzatti Ferreira e Christiano Key Tambascia mostram como se construiu uma tradição local de capoeiragem a partir da roda que acontecia na antiga feira no centro da cidade. Trazem imagens dos espaços ocupados por capoeiristas e relatos de diferentes atores na construção dessa tradição numa importante cidade do sertão baiano.

Enveredando pelo Sudeste com o artigo “A Roda da Central: a capoeira de rua carioca das décadas de 1950 a 1970”, veremos Matthias Röhrig Assunção recuperando a história da mais famosa das antigas rodas de rua a partir de depoimentos de mestres que nela participaram. Enquanto uma primeira geração era sobretudo constituída de trabalhadores da área portuária, uma segunda geração, mais diversificada socialmente, vive a Roda da Central como um rito de passagem. O trabalho tenta assim suprir a total inexistência de dados históricos na imprensa e nos relatos oficiais e públicos.

Ainda no Rio de Janeiro, Cinézio Feliciano Peçanha, em “A implantação da capoeira angola baiana no Rio de Janeiro, 1970-1981”, retrata o percurso inicial de Mestre Moraes e de seus alunos até a fundação do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP) nessa cidade. Esse episódio no Rio é fundamental para entendermos a reemergência de uma capoeira angola – na década de 1980, em Salvador – que se constituiu como a fonte de uma expansão nacional e internacional nas décadas seguintes.

No artigo “As identidades da capoeira paulistana”, escrito por Letícia Vidor de Sousa Reis e Filipe Amado, encontramos uma explicação sobre a coexistência, durante um breve momento, da “tiririca”, uma manifestação cultural derivada da antiga capoeiragem paulista, e dos novos estilos de capoeira trazidos pelos baianos na segunda metade do século XX. A roda da Praça da República foi o palco para tal síntese,

tornando-se essencial para a constituição de novas identidades capoeirísticas no que viria a ser, ao lado do Rio de Janeiro, outro polo importante de difusão da capoeira pelo Brasil e pelo mundo.

A última das regiões tratadas no dossiê é apresentada por Marco Poglia e Magnólia Dobrovolski. Eles tratam do complexo desenvolvimento da capoeira angolana na cidade de Porto Alegre da década de 1990, fazendo uso de amplo material histórico extraído do projeto audiovisual “Angola PoA”, realizado pelos mesmos autores anteriormente. A análise permite entender a peculiaridade da capoeira porto-alegrense e sua conexão local com diferentes estados, como Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, além da importância de uma figura icônica para a capoeira do sul do país, o Mestre Churrasco.

Além dos estudos sobre a capoeira nos estados brasileiros, o dossiê conta com uma entrevista e mais três resenhas. Matthias Assunção e Cinézio Feliciano Peçanha nos oferecem, na continuidade do tema tratado por eles nos artigos, a história da capoeira no Rio de Janeiro, agora segundo o ponto de vista de Mestre Camisa (José Tadeu Carneiro Cardoso), fundador de um dos maiores, se não do maior, grupo de capoeira do mundo, o ABADÁ-Capoeira.

Na primeira das resenhas, Geslline Braga trata da coletânea de artigos escritos por Ricardo Nascimento, reunidos em torno do tema da capoeira e da globalização. A segunda resenha foi escrita por Theodora Letfkaditou sobre o livro de Ana Paula Höfling, *Staging Brazil: choreographies of capoeira*. Este consiste em uma análise de muito fôlego sobre a encenação da capoeira nos palcos por grupos de capoeiristas cuja *performance* acabou influenciando a capoeira contemporânea e globalizada. O dossiê termina com a resenha, escrita por Luiz Renato Vieira, do livro de João Paulo de Araújo, o Mestre Pitoco, sobre a trajetória de Mestre Bimba.

Por fim, precisamos agradecer aos autores deste dossiê pela paciência em aceitar reescrever partes ou precisar referências a pedido dos organizadores. Aproveitamos também para agradecer à Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), à Renata Daflon e à Monique Heloísa de Souza pelas atenciosas revisões, à Cláudia Duarte pela diagramação, assim como ao camarada André Nogueira pelo desenho gráfico da capa.

Referências

- ACETI, Monica. "Teaching and learning capoeira in Europe: an intercultural experience". *Studi Emigrazione/Migration Studies*, XLVII(177), 2010, p. 39-59.
- ACUNA, Jorge Mauricio Herrera. Maestrias de Mestre Pastinha: um intelectual da cidade gingada. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2017.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *Capoeira: the history of an Afro-Brazilian martial art*. Londres: Routledge, 2005.
- BRITO, Celso de. *A roda do mundo: a capoeira angola em tempos de globalização*. Curitiba: Appris, 2017.
- CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: roots of the dance-fight-game*. Berkeley, CA: Blue Snake, 2002.
- CAPONE, Stefania. Religions "en migrations": de l'étude des migrations internationales à l'approche transnationale. *Autrepart*, (56), 2010/4, p. 235-259.
- DELAMONT, Sara; STEPHENS, Neil; CAMPOS, Claudio. *Embodying Brazil: an ethnography of diasporic capoeira*. Abingdon: Routledge, 2017.
- DOWNEY, Gregory. Incorporating capoeira: phenomenology of a movement discipline. Tese de Doutorado. Universidade de Chicago, 1998.
- FALCÃO, José Luiz Cerqueira. "La internacionalización de la capoeira". *Textos do Brasil*, Brasília, (14), 2008, p. 123-133.
- GRANADA, Daniel. *Pratique de la capoeira en France et au Royaume-Uni*. Paris: L'Harmattan, 2015.
- GUIZARDI, Menara Lube. *Capoeira: etnografía de una historia transnacional entre Brasil y Madrid*. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2017.
- JOSEPH, Janelle. "The practice of capoeira: diasporic black culture in Canada". *Ethnic and Racial Studies*, 35(6), 2012, p. 1078-1095.
- LOPES, André Luiz Lacé. *A volta do mundo da capoeira*. Rio de Janeiro: Coreográfica, 1999.
- NASCIMENTO, Ricardo César Carvalho. Mandinga for export: a globalização da capoeira. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação da Universidade Nova Lisboa, Universidade Nova Lisboa, 2015.

ROBITAILLE, Laurence. Capoeira as a resource: multiple uses of culture under conditions of transnational neoliberalism. Tese de Doutorado. Graduate Program in Communication and Culture, York University, 2013.

SÁNCHEZ GARCÍA, Raúl; SPENCER, Dale C. *Fighting scholars: habitus and ethnographies of martial arts and combat sports*. Londres: Anthem Press, 2013.

SILVA, Elton; CORRÊA, Eduardo. *Muito antes do MMA: o legado dos precursores do vale tudo no Brasil e no mundo (1845-1934)*. [S. l.: s. n.], 2020. E-book. 3 v.

TAVARES, Julio Cesar de. *Dança de guerra: arquivo e arma*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 1984.

TAVARES, Julio Cesar de. *Gramáticas das corporeidades afrodiaspóricas: perspectivas etnográficas*. Curitiba: Appris, 2020.

VIEIRA, Luiz Renato. *Da vadiação à capoeira regional: uma interpretação da modernização cultural no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1989.

WACQUANT, Loïc. *Body and soul: notebooks of an apprentice boxer*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.